

## **A IMPROVISAÇÃO E O *JOURNAL OF MUSIC THERAPY*: HOUE UM PERÍODO DE “SURDEZ” DA COMUNIDADE MUNDIAL EM RELAÇÃO AO MÉTODO?**

*THE IMPROVISATION AND THE JOURNAL OF MUSIC THERAPY: HAS THE WORLD COMMUNITY EXPERIENCED A PERIOD OF “DEAF” IN RELATION TO THE METHOD?*

*Melyssa Woituski<sup>1</sup>, André Brandalise<sup>2</sup>, Gustavo Schulz Gattino<sup>3</sup>, Gustavo Andrade de Araújo<sup>4</sup>*

---

**Resumo** - Este artigo é resultado de questionamentos e reflexões sobre a improvisação em musicoterapia. O propósito desse trabalho foi o de oferecer

<sup>1</sup> Graduada em música (UFRGS, RS), especialista em musicoterapia (Faculdade de Candeias, BA). Foi estagiária de André Brandalise no ICD (Instituto de Criatividade e Desenvolvimento) e professora de educação musical na rede municipal de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Bacharel em música (UFRGS, RS), especialista em musicoterapia (CBM-RJ), mestre em musicoterapia (NYU, EUA) e PhD em musicoterapia (Temple University, EUA). Nesta última universidade foi bolsista por dois anos exercendo as funções de professor-assistente e supervisor. Brandalise é diretor-fundador do Centro Gaúcho de Musicoterapia (POA, RS), vinculado ao Instituto de Criatividade e Desenvolvimento (ICD). É autor dos livros “Musicoterapia Músico-centrada” (2001) e “I Jornada Brasileira sobre Musicoterapia Músico-centrada” (2003).

<sup>3</sup> Graduado em musicoterapia pelas Faculdades EST (2007), mestre (2009) e doutor (2012) pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor titular do curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Membro do Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente (UDESC/CNPq). Realizou estágio de doutorado sanduíche pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) na Universidade do Porto (UP), cidade do Porto, Portugal.

<sup>4</sup> Graduado em Musicoterapia pelas Faculdades EST (2007). Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Especialização em Musicoterapia no Centro Nacional de Ensino Superior, Pesquisa, Extensão, Graduação e Pós-Graduação (CENSUPEG) e faculdade Candeias (BA). Professor de Educação Musical Infantil no Instituto Santa Luzia e Musicoterapeuta na clínica geriátrica Vitalis em Porto Alegre.

uma revisão da literatura através de uma busca eletrônica nas publicações do *Journal of Music Therapy* (JMT) desde seu início (1964) até os dias atuais. Uma revisão sistemática foi conduzida com o objetivo de analisar o que é improvisação em musicoterapia e qual é o seu papel no espaço clínico. Doze artigos foram selecionados e analisados no sentido de entender qual a população atendida, o *setting*, instrumentos utilizados, tipos de análise, objetivos e resultados obtidos sobre improvisação na musicoterapia. Entre outros achados, este estudo demonstrou que há um espaço entre a criação da musicoterapia improvisacional (1959) e o início das publicações no *Journal of Music Therapy* (1988), que improvisação foi utilizada com uma pouca variedade de população, mas com uma ampla diversidade de objetivos e que há um foco no comportamento e não na análise do material criativo-musical produzido pela relação terapêutica.

**Palavras-Chave:** improvisação, musicoterapia, revisão da literatura.

**Abstract** - This article is the result of questions and reflections on improvisation in music therapy. The purpose of this study was to provide a review of literature through electronic search in the publications of the *Journal of Music Therapy* since its beginning (1964) until the present day. A systematic review was conducted in order to analyze what improvisation is in music therapy and its role in the clinical setting. Twelve articles were selected and analyzed in order to identify the served population, setting, instruments, types of analysis, objectives and results of improvisation in music therapy. Among the findings, this study has demonstrated that there is a gap between the creation of improvisational music therapy (1959) and the initial publications about the topic on the *JMT* (1988), that improvisation was used with a small variety of population with a broad diversity of objectives and that there is a focus on behavior and not on the analysis of the creative musical material produced by the therapeutic relationship.

**Keywords:** improvisation, music therapy, literature review.

---

MUSICOTERAPIA

## Introdução

A escrita deste artigo é uma combinação da experiência de 6 anos em educação musical com a experiência na clínica da musicoterapia músico-centrada com pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Outro motivador foi a curiosidade sobre como se poderia improvisar com alunos e com pacientes, os objetivos, as análises e os resultados. Através de uma revisão do *Journal of Music Therapy* (desde o início em 1964, até os dias atuais), foi conduzida uma análise sobre algumas perspectivas acerca de improvisação em musicoterapia e sobre o seu papel no espaço clínico.

Primeiramente, há que se diferenciar a improvisação pensada sob o viés da música e improvisação pensada sob o viés da musicoterapia.

## Improvisação em música

“Sem o jogo a aprendizagem e a evolução são impossíveis. O trabalho criativo é uma brincadeira, é especulação livre, é especulação livre usando os materiais da forma que escolheu. A mente criativa brinca com os objetos que ela ama.” (NACHMANOVITCH, p.57)

Para Nachmanovith (2012), improvisação é um jogo. Esse jogo relaciona-se com o brincar, utilizar das nossas experiências e objetos que amamos para criar de maneira livre e divertida. Improvisar, em música, possibilita aplicar a musicalidade em função de comunicar algo. É a tentativa de arriscar-se, de entrar em campo desconhecido e colocar-se à frente de qualquer obstáculo a fim de expressar algo.

A improvisação é colocar-se diante de barreiras, dificuldades e anseios.

É um desafio. É colocar a confiança em si diante de todos que estão improvisando junto. É o momento de colocar em prática potenciais tais como a autonomia, capacidade de comunicação com o outro, capacidade para a auto regulação, entre outros.

A variedade de possibilidades expressivas será experimentada através de nossas práticas no jogo da improvisação, ou seja, é um jogo de exploração e experimentação, podendo aguçar a nossa capacidade de troca. A improvisação é a oferta de um espaço onde é possível a colocação de material interno.

Gainza (1988) afirma que as atividades musicais promovem processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro; também proporciona situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão. A autora acredita que é tarefa específica da educação geral, da educação especial e da terapia musical proceder adequadamente para conduzir cada indivíduo ao seu estado ótimo de desenvolvimento pessoal (p.40).

Já para Mateiro e Ilari (2012), a improvisação musical é o momento criativo em que o aluno demonstrará suas próprias ideias musicais e os conteúdos que foram assimilados a partir da experiência. É o momento em que o aluno se torna compositor. Segundo as autoras, a improvisação em música exerce o papel de estabelecer e criar ligações de interação entre as pessoas.

O papel da improvisação em música é o de proporcionar experiências espontâneas no aqui-e-agora tendo como foco o ensino ou a vivência de algum componente musical. Por sua vez, a improvisação musical na musicoterapia é utilizada para criar experiências ou pontes (ou territórios) de afeto e de comunicação com pacientes.

# MUSICOTERAPIA

## Improvisação em musicoterapia

A literatura da musicoterapia apresenta o tema improvisação como técnica ou como método. Barcellos (1992), apresenta a improvisação livre, ou improvisação orientada como técnica musicoterápica. Observando que a improvisação se aplica a todo o processo de desenvolvimento para promover a expressão. Para Bruscia (1998), a improvisação é um método de musicoterapia. Improvisar proporciona habilidades e aplicações diferentes da execução de uma composição. Um método é um tipo particular de experiência musical, onde o cliente se engaja com propósitos terapêuticos, podendo ainda usar diferentes técnicas: oferecer base, oferecer sustentação rítmica, utilizar o espelhamento entre outros.

O método de improvisação foi aplicado por vários dos pioneiros da musicoterapia mundial (BONNY, 1978a, 1978b; NORDOFF & ROBBINS, 1977, 1992; PRIESTLEY, 1996). Este método também é bastante significativo na prática e na teoria da chamada segunda geração de musicoterapeutas (AIGEN, 1997, 1998; ANSDELL, 1995; LEE, 1996, TURRY, 2006) e das gerações atuais (BRANDALISE, 2001; PIAZZETTA, 2006; CARPENTE, 2009; GATTINO, 2011).

No IX Congresso Mundial de Musicoterapia, realizado em 1999 em Washington (EUA), foram reconhecidos cinco modelos teórico-práticos de musicoterapia. São eles: o modelo Nordoff-Robbins ou Musicoterapia Criativa, desenvolvido pelo músico Paul Nordoff e pelo educador Clive Robbins em 1959 nos Estados Unidos e na Inglaterra, o modelo de musicoterapia analítica, sistematizado por Mary Priestley em 1960 na Inglaterra, o modelo Behaviorista sistematizado por Clifford Madsen nos Estados Unidos em 1968, o modelo GIM (*Guided Imagery and Music*), criado pela musicista Helen Bonny na década de 70, nos Estados Unidos e o modelo Benenzon com base na psicanálise na década de 80 pelo psiquiatra Rolando Benenzon.

Clive Robbins e Paul Nordoff (1977) são pioneiros na musicoterapia criativa e de improvisação. Construíram a abordagem conhecida como Musicoterapia Criativa ou Nordoff-Robbins. A Musicoterapia Criativa propõe a utilização da música visando estabelecer comunicação entre o paciente e o terapeuta por meio de instrumentos e canções. O livro *Musicoterapia Músico-Centrada* (BRANDALISE, 2001) apresenta uma sistematização do modelo *Music-centered* trazendo as bases filosóficas e teóricas da música como fundamentações para uma teoria e prática da musicoterapia. Nessa abordagem, a dinâmica musicoterapêutica ocorre de forma que a música compõe, juntamente com paciente e terapeuta, um triângulo (Triângulo de Carpentier & Brandalise).

Uma das possíveis funções da improvisação em musicoterapia é a utilização da música como facilitadora da comunicação, onde pode ter um papel de estimular a expressão de emoções e sentimentos. O método pode proporcionar contato entre terapeuta, paciente e música sem que haja a necessidade do uso da linguagem verbal.

### **Perguntas da pesquisa**

Desde quando há publicações sobre improvisação no *Journal of Music Therapy* (JMT) e que países estão envolvidos?

Quais são as diferentes utilizações do método improvisação?

Se houve análise das improvisações, como foram realizadas?

Quais os tipos de improvisação?

# MUSICOTERAPIA

## **Metodologia**

### **Método de busca**

Foi conduzida uma busca nos arquivos eletrônicos do *Journal of Music Therapy* desde o ano de sua fundação (1964) até o presente momento.

### **CrITÉRIOS de inclusão**

Foram incluídos artigos que contivessem no título a palavra improvisação, entendendo ser para esses autores a improvisação tema principal do artigo. Foram incluídos artigos que descreveram, pesquisa clínica e teoria sobre o tópico.

## **Resultados**

A busca abrangeu as publicações do JMT desde seu ano inaugural (1964) até os dias atuais. Foram selecionados 12 artigos. As publicações foram realizadas por autores de diversos países, sendo eles: Estados Unidos (seis estudos), Coréia (um estudo), África (um estudo), Israel (um estudo), Austrália (um estudo). Foi possível detectar também trabalhos que envolveram uma associação entre países: Estados Unidos, Dinamarca, Israel, Noruega, Coréia (um estudo), Dinamarca e Noruega (um estudo).

Os artigos apresentaram diversidade clínica, ou seja, variaram em termos de intervenções e resultados verificados. Os estudos variaram também em termos de propostas de pesquisa, o que mostra diferenças metodológicas (Ver tabela 1).

# MUSICOTERAPIA

### **Quanto à população atendida**

Quanto à população atendida, não se percebe uma variedade de condições e demandas. Três estudos abordam a população de crianças com autismo (EDGERTON, 1994; GERETSEGGER, HOLCK, CARPENTE, ELEFANT, KIM, GOLD, 2015; GERETSEGGER, HOLCK, BIELENININK, GOLD, 2016), três estudos tratam o tema deficiência, sendo: deficiência não especificada (ORSMOND, 1995); atraso de desenvolvimento (GUNSBURG, 1998) e paralisia cerebral (PERRY, 2003), dois estudos teóricos sendo um propondo a improvisação e comunicação (PAVLICEVIC, 2000) e outro acerca da aplicação da teoria *Schema* na musicoterapia Nordoff-Robbins (AIGEN, 2009), um estudo aplicando a improvisação com pacientes com Alzheimer (BROTONS & PICKET-COOPER, 1994), um estudo examinando a habilidade de decodificação emocional de musicoterapeutas (GILBOA, BODNER & AMIR, 2006), um estudo visando a redução da ansiedade na performance de pianistas (KIM, 2009) e, por fim, um estudo propondo um método de análise improvisacional (LEE, 2000) (Ver tabela 1).

### **Quanto ao setting e instrumentos**

Apenas dois estudos mostram no *abstract* os instrumentos utilizados na improvisação. O trabalho de Brottons e Picket-Cooper (1994), com pacientes com Alzheimer, propõe a utilização do canto, instrumentos, jogos musicais e atividades corporais e o trabalho de Orsmond (1995), que utiliza o teclado. Gunberg (1988), utiliza violão, bongô, bateria, pandeiro e apito no trabalho com crianças com atraso de desenvolvimento. Edgerton (1994), utiliza piano, tambor e prato. Lee (2000), improvisou com seu paciente no piano e percussão. Perry (2003), ao trabalhar com crianças com paralisia cerebral empregou o piano,



violão, percussão e cítara pentatônica na improvisação. No estudo realizado por Kim (2008), o piano foi único instrumento. Gilboa (2006), que realizou uma análise com musicoterapeutas, propôs a utilização de instrumentos de suas preferências, porém não foram citados quais instrumentos. Quatro estudos foram teóricos, assim não descrevendo nenhum instrumento utilizado Pavlicevic (2000), Aigen (2009), Geretsegger, Holck, Carpentente, Elefant, Kim, Gold (2015) e Geretsegger, Holck, Bieleninik, Gold (2016) (Ver tabela 1).

### **Quanto ao tipo de trabalho, objetivos propostos e resultados**

Três estudos analisam a improvisação como meio de comunicação (EDGERTON, 1994; PAVILICEVIC 2000; PERRY, 2003), um estudo examina a eficácia da *Improvised Musical Play* (GUNSBERG, 1988), um estudo analisa a preferência de atividades escolhidas por pacientes com Alzheimer (BROTONS & PICKET-COOPER, 1994), um estudo visa entender o processo de improvisação no espaço clínico (LEE, 2000), um estudo investiga os efeitos da improvisação assistida visando a redução da ansiedade na performance de pianistas (KIM, 2008), um estudo aborda a capacidade de transmitir e decodificar as emoções dos musicoterapeutas nas improvisações (GILMAR; BODNER & AMIR, 2006), um estudo analisa uma composição e uma improvisação através da aplicação da teoria *Schema* na musicoterapia Nordoff-Robbins (AIGEN, 2009), um estudo investiga as diferenças de exploração musical em crianças com deficiências de desenvolvimento que são nomeadas, por seus professores, umas como sendo “musicais” e outras consideradas sem interesse pela música (ORSMOND & MILLER, 1995), um estudo teórico que analisa características comuns da improvisação com crianças autistas (GERETSEGGER, HOLCK, CARPENTE, ELEFANT, KIM, GOLD, 2015) e por

fim, estudo teórico que avalia a viabilidade de procedimentos de improvisação em musicoterapia (GERETSEGGER, HOLCK, BIELENINIK, GOLD, 2016).

Quanto aos resultados das pesquisas, foi possível perceber a música sendo utilizada como ferramenta para fomentar a aprendizagem social (GUNSBERG, 1988) e para desenvolver proximidade social através de experiências comuns compartilhadas (PERRY, 2003). Em termos de comunicação, a improvisação em musicoterapia foi eficaz no cenário musical (EDGERTON, 1994) e serviu como um canal de comunicação para os sentimentos pessoais com a música (LEE, 200; GILBOA, BODNER, AMIR, 2006) além de facilitar a interação paciente terapeuta (PAVLICEVIC, 2000; GERETSEGGER, HOLCK, CARPENTE, ELEFANT, KIM, GOLD, 2015).

No entanto, nem sempre os resultados são positivos. Por exemplo, no estudo de Brotons e Picket-Cooper (1994) foi detectado que a composição e a improvisação não favoreceram interação com pacientes com Alzheimer (Ver tabela 1).

### **Quanto ao tipo de improvisação e ao tipo de análise**

Foi constatado que as pesquisas propuseram tanto a utilização da improvisação referencial, ou seja, baseada em um tema proposto pelo terapeuta, como não referencial, o que significa a criação livre a partir da demanda do paciente. Nove estudos (75%) não apresentaram qualquer tipo de análise musical (GUSNBERG, 1988; BROTONS & PICKET-COOPER, 1994; ORSMOND & MILLER, 1995; PAVLICEVIC, 2000; GILBOA, BODNER, AMIR, 2006; KIM, 2008; AIGEN, 2009, GERETSEGGER, HOLCK, CARPENTE, ELEFANT, KIM, GOLD, 2015; GERETSEGGER, HOLCK, BIELENININK, GOLD, 2016). Alguns estudos não apresentam análise musical, mas outra proposta de análise: um estudo descreve respostas de comportamento em

gráfico (EDGERTON, 1994). Um estudo detalha o tipo de comunicação (PERRY, 2003). Somente um estudo faz análise musical (LEE, 2000). (Ver tabela 1).

**Tabela 1:**

Nome/ Data/ País	População	Setting / Instrumentos e tipo de improvisação	Tipo de trabalho/ Objetivo (s)	Resultado (s) e tipo de análise musical
Gunsberg (EUA, 1988)	Crianças com atraso de desenvolvimento e desenvolvimento típico.	Violão, bongô, bateria, pandeiro e apito. Utilização de improvisação referencial (ex: proposta de atividades).	Examinar a eficácia da música improvisada para o aprendizado de crianças com atraso de desenvolvimento.	A música é uma ferramenta para fomentar a aprendizagem social. O adulto é fundamental no papel de facilitador na interação em aula. Não apresentou análise musical.
Edgerton (EUA, 1994)	Crianças autistas.	Piano, tambor e prato. Utilização de musicoterapia Criativa.	Examinar a eficácia da terapia da improvisação criativa em comportamentos comunicativos.	A improvisação em musicoterapia é eficaz no aumento de comunicação em crianças autistas dentro de um cenário musical. Não apresentou análise musical, mas gráfico relacionado a respostas de comportamento.
Brotons& Picket- Cooper (EUA, 1994)	Pacientes com Alzheimer.	Tambores, claves, sinos, blocos de areia, colheres e pandeiros.	Investigar as preferências de atividades de músicas de pacientes com	A improvisação e composição tiveram menos envolvimentos do que as

		Utilização de composição e de atividades de improvisação musical (ex: improvisação referencial).	Alzheimer.	outras atividades. Não apresentou análise musical.
Orsmond & Miller (EUA, 1995)	Crianças com deficiência (Diagnóstico: TEA, Transtorno invasivo do desenvolvimento e ou retardo mental). Crianças receberam o rótulo de “musicalmente talentosas” e foram comparadas com o grupo de crianças “sem um interesse especial”.	Teclado. Utilização de improvisação não referencial. (ex: a partir de demonstração de timbres as crianças foram convidadas a explorá-los livremente).	Investigar as diferenças de exploração musical em crianças com deficiência de desenvolvimento e nomeadas por seus professores como “musicais” e aquelas sem nenhum interesse pela música.	As crianças nomeadas musicais mostraram amostras mais organizadas de exploração no teclado. Não apresentou análise musical.
Lee (EUA, 2000)	Paciente com HIV.	Piano e percussão. Utilização de improvisação não referencial.	A partir de uma análise de composição, entender o processo de improvisação no espaço clínico.	A improvisação é um canal de comunicação dos nossos sentimentos pessoais com a música. Método de análise que envolve nove estágios, descrevendo minúcias clínicas e musicais.
Pavlicevic (Africa, 2000)	Teórico: Improvisação e comunicação.	—	Analisar a improvisação como meio de comunicação.	O trabalho ficou no significado complexo da improvisação em musicoterapia com a intenção de endereçar a riqueza do

Perry (Austrália, 2003)	Crianças com deficiências graves e múltiplas. (Paralisia Cerebral).	Piano, violão, percussão e citara pentatônica. Utilização de improvisação não-referencial. (ex: criações espontâneas de canções).	Descrever padrões de comunicação na improvisação musicoterápica.	pensamento interdisciplinar. Não apresentou análise musical.
Gilboa, Bodner, Amir, (Israel, 2006)	Musicoterapeutas.	Instrumentos de sua preferencia. Utilização de 84 improvisações referenciais (ex: 21 baseados em “uma emoção fácil” sem imaginário emotivo, 21 baseados em emoção difícil sem imaginário emotivo, 21 baseados em “uma emoção fácil” com imaginário emotivo, 21 baseados em emoção difícil com imaginário emotivo).	Investigar a capacidade de transmitir e decodificar as emoções na improvisação, analisando a comunicação emocional em musicoterapia.	Não importa se o musicoterapeut a é instrumentista profissional ou não. Ele é capaz de transmitir suas emoções através da improvisação musical. Não apresentou análise musical.
Kim (Coréia,	Estudantes de piano.	Piano. Utilização de	Comparar a eficácia de	Combinada com

2008)		improvisação livre no piano, verbalização, meditação guiada, tarefas de casa, respiração e treinamento de dessensibilização.	relaxamento de música a partir da improvisação para melhorar a ansiedade no desempenho da performance de pianistas.	improvisação, a técnica de dessensibilização pareceu ser eficiente no manejo do nível ansiedade de performance musical dos participantes. Não apresentou análise musical.
Aigen (EUA, 2009)	Teórico: Teoria Schema na musicoterapia na Nordoff-Robbins.	—	Analisar composição de uma improvisação através da teoria do esquema.	A teoria do <i>Schema</i> fornece um número de importantes, funções de integração: o paciente se conecta qualidades de música com objetivos clínicos; que liga a experiência musical para extra-musical. Não apresentou análise musical.
Geretsegger, Holck, Carpentier, Elefant, Kim, Gold (EUA, Dinamarca, Israel, Noruega, Coreia, 2015)	Questionário com musicoterapeutas para avaliar linhas guia para tratamento de crianças com Transtorno do espectro do autismo (TEA).	—	Analisar características comuns da improvisação com TEA.	A proposta de tratamento pode ser aplicada em diversos modelos teóricos de musicoterapia no sentido de acessar a fidelidade no tratamento como também pode ser aplicado para futuras pesquisas

Geretsegger, Holck, Bieleninik, Gold (Dinamarca, Noruega, 2016)	Teórico: Procedimentos de estudos.	—	Objetivou avaliar procedimentos de estudo, segurança, documentação e consistência no reportar dos resultados.	práticas clínicas e treinamento. Não apresentou análise musical.  Esse estudo ajuda a construir conhecimento sobre <i>designs</i> e implementação de ensaios (trials). Não apresentou análise musical.
---	------------------------------------	---	---	--

## Discussão

Iniciamos a sessão de discussão do artigo reforçando ao leitor o fato de que as reflexões que serão aqui realizadas podem não representar uma generalização da musicoterapia mundial, mas do conteúdo que foi apresentado via publicações especificamente no *Journal of Music Therapy* (JMT).

O início das publicações sobre improvisação, no JMT, se dá somente no final da década de 80, mais especificamente em 1988. Talvez isso se explique pelo fato de o início da musicoterapia nos EUA ter sido voltada para a teoria comportamental através da fundação do primeiro curso de formação em musicoterapia que foi criado na *Michigan State University*, em 1944 e a fundação da primeira organização política que é a *National Association for Music Therapy* (1950), ambos com foco comportamental (GOODMAN, 2011). No entanto, sabemos que foi desde 1959 que começou a atuar no cenário da musicoterapia mundial a *Creative Music Therapy* (Nordoff-Robbins) de cunho humanista e improvisacional. O primeiro artigo publicado pelo JMT que divulga o trabalho improvisacional do modelo Nordoff-Robbins foi publicado somente

em 1994.

Chama a atenção o fato de o tema improvisação receber espaço no JMT no final da década de 80 e de apresentar uma frequência de somente 3 publicações na década de 90. A partir da primeira década do ano 2000, essa frequência já dobra para seis artigos publicados, o que pode refletir uma maior divulgação das abordagens clínicas improvisacionais e formações da costa leste americana (New York University, NY e Temple University, Filadélfia).

Parece haver uma coerência entre o que foi descrito acima, relacionado a um espaço entre o início da musicoterapia improvisacional (1959) e o ano da primeira publicação sobre improvisação em musicoterapia no JMT (1988). Através de uma reflexão sobre os tipos de análise musical realizadas nos estudos detectados nota-se que não há uma prioridade na descrição do material musical, mas nos comportamentos que são observados. Isso parece indicar um investimento na mudança ou não de comportamentos e um não investimento em aspectos relacionados às subjetividades e produções criativas. No artigo de ColinLee (2000), há a apresentação de autores para os quais a análise do material musical em musicoterapia é importante. Menciona os trabalhos de Aigen (1998), Ansdell (1995), Arnason (1998), Bruscia (1987), Forinash& Gonzalez (1989), Lee (1996) e Ruud (1998). Esse espaço talvez seja o achado mais significativo desse estudo. Parece ter havido uma “surdez” do que vinha sendo proposto por Nordoff e Robbins desde o início da década de 60. Outra possibilidade é de se entender que é esperado que haja a necessidade de um tempo significativo para a transformação de uma cultura que, como dissemos antes, focava no comportamental em detrimento do criativo e do subjetivo.

Pode-se perceber que as publicações são todas da América do Norte, Ásia, Europa, África e Oceania. Isto significa uma abrangência de todos os continentes representando trabalhos sobre improvisação em um periódico que,



de certa forma, é administrado pela *American Music Therapy Association* (AMTA). No entanto, não apresenta nenhum trabalho Latino americano. Talvez isso possa ser explicado pela dificuldade de escrever em inglês, já que as publicações no JMT são escritas nesse idioma. Outra possível razão pode estar relacionada a ainda não significativa divulgação do periódico via associações de musicoterapia e centros de formação de musicoterapeutas na América Latina. Há um estudo que inclui uma parceria de trabalho de improvisação realizado no Brasil (GERETSEGGER, HOLCK, CARPENTE, ELEFANT, KIM, GOLD, 2015).

Quanto à população, nota-se que não há uma variedade de condições e demandas atendidas através do método de improvisação. Os achados, via publicações no JMT, demonstram uma concentração do uso do método em uma população basicamente restrita aos transtornos do desenvolvimento e condição neurológica (autismo e deficiências). Alguns autores não diferenciam a sua população no *abstract*, outros não deixam claro qual o tipo de deficiência. Talvez possa ser explicado pelo trabalho ser feito com uma demanda de pacientes que englobam mais de uma deficiência.

Por outro lado, chama a atenção o achado referente aos tipos de trabalhos e objetivos propostos através da atualização do método de improvisação. Detectou-se uma variedade de objetivos que passam desde o pesquisador investigar a própria improvisação até a investigação sobre as eficiências do uso do método (exemplo, improvisação facilitando a comunicação, estimulando a transmissão e a decodificação de emoções). Esta afirmação talvez seja uma das possíveis razões para o fato da comunidade em geral, representada aqui nesse estudo pelas publicações no JMT, não ter apresentado maior variedade no que se refere às populações atendidas. Em outras palavras, menor variação de condições atendidas, mas maior variedade de uso da improvisação.

## Considerações Finais

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa sobre improvisação em musicoterapia é um assunto que merece ser investigada. Este estudo não teve objetivo de esgotar o assunto improvisação em musicoterapia, mas sim entender como a literatura, publicada no JMT, a trata, compreender algumas utilizações do método e refletir sobre as possibilidades relacionadas ao vínculo paciente-musicoterapeuta-música. Com todo o cuidado, sem ter a intenção de propagar os conceitos sobre improvisação em musicoterapia, as reflexões que foram realizadas não representaram uma generalização da musicoterapia mundial, mas sim conteúdo que foi apresentado no JMT.

Com esse estudo, a partir das análises dos artigos encontrados no JMT, podemos perceber que a improvisação é um método que deve ser mais investigado e utilizado pelos musicoterapeutas. Ao final desta revisão podemos perceber o quão importante é o uso do método da improvisação como facilitador na comunicação e expressão de sentimentos. No entanto, fica o convite para que mais estudos sejam realizados visando a percepção acerca da utilização desse método com outras populações. Nota-se, através dessa revisão, que a musicoterapia improvisacional oferece material ao pesquisador que favorece o aprofundamento em questões ligadas à desenvolvimento cognitivo e emocional. Logo, fica a perspectiva de que um número maior de indivíduos poderá se beneficiar através de experiências improvisacionais em musicoterapia.

# MUSICOTERAPIA

## REFERÊNCIAS

AIGEN, Kenneth. **Verticality and containment in song and improvisation: An application of schema theory to Nordoff-Robbins Music Therapy.** *Journal of Music Therapy*, 46(3), 2009, 238-267.

AIGEN, Kenneth. **Paths of development in Nordoff-Robbins Music Therapy.** Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998.

AIGEN, Kenneth. **Here we are in music: One year with an adolescent Creative Music Therapy Group (Nordoff-Robbins Music Therapy monograph series, vol.2).** St. Louis, MO: MMB Music, 1997.

ANSDELL, Gary. **Music for life: Aspects of Creative Music Therapy with adult clients.** London: Jessica Kingsley Publishers, 1995.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Cadernos de musicoterapia 1.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BONNY, Helen L. **Facilitating GIM sessions.** Baltimore: ICM Books, 1978a.

BONNY, Helen L. **The role of taped music programs facilitating GIM sessions.** Baltimore: ICM Books, 1978b.

BRANDALISE, André. **Musicoterapia Músico-centrada: Linda 120 sessões.** São Paulo: Apontamentos, 2001.

BROTONS, Melissa; PICKETT- COOPER, Patty. **Preferences of Alzheimer`s disease patients for music activities: singing, instruments, dance/movement, games, and composition/improvisation.** *Journal of Music Therapy*, 31(3), 1994, 220-233.

BRUSCIA, Kenneth. **Defining Music Therapy.** Barcelona Publisher, Lower Village, USA, 1998.

BRUSCIA, Kenneth. **Improvisational models of Music Therapy.** Springfield, Illinois, EE.UU: Charles Thomas Publisher, 1987.

CARPENTE, John. **Contributions of Nordoff-Robbins Music Therapy within developmental, individual-differences, relationship based (DIR)/Floortime**

**framework to the treatment of children with autism: four cases studies.** Unpublished doctoral dissertation, Temple University, PA, 2009.

EDGERTON, Cindy Lu. **The effect of improvisational Music Therapy on the communicative behaviors of autistic children.** *Journal of Music Therapy*, 31(1), 1994, 31-62.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GATTINO, Gustavo Schultz, RIESGO, Rudimar dos Santos; LONGO, Dănea; LEITE, Julio Cesar Loguercio & FACCINI, Lavina Schuler. **Effects of relation Music Therapy on communication of children with autism: a randomized controlled study.** *Nordic Journal of Music Therapy*, 20(2), 142-154, 2011.

GERETSEGGER, Monika; HOLCK, Ulla; BIELENINIK, Lucja; GOLD, Christian. **Feasibility of a trial on improvisational Music Therapy for children with autism spectrum disorder.** *Journal of Music Therapy*, 53(2), 2016, 93-120.

GERETSEGGER, Monika; HOLCK, Ulla; CARPENTE, JOHN A; ELEFANT, Cochavit; KIM, Jinah; GOLD, Christian. **Common characteristics of improvisational approaches in Music Therapy for children with autism spectrum disorder: Developing treatment guidelines.** *Journal of Music Therapy*, 52(2), 2015, 258-281.

GILBOA, Avi; BODNER, Ehud. **Emotional communicability in improvised music: The case of music therapists.** *Journal of Music Therapy*, 43(3), 2006, 198-225.

GOODMAN, Karen D. **Music Therapy Education.** Illinois: Charles C. Publishers, 2011.

GUNSBERG, Andrew. **Improvised musical play: A strategy for fostering social play between developmentally delayed and nondelayed preschool children.** *Journal of Music Therapy*, 25(4), 1998, 178-191.

KIM, Youngshin. **The effect of improvisation-assisted desensitization, and music-assisted progressive muscle relaxation and imagery on reducing pianists music performance anxiety.** *Journal of Music Therapy*, 45(2), 2008, 165-191.

LEE, Colin. **A method of analyzing improvisations in Music Therapy.** *Journal of Music Therapy*, 37(2), 2000, 147-167.

LEE, Colin. **Music at the edge: Music Therapy experiences of a musician with AIDS.** London and New York: Routledge, 1996.

MADSEN, Clifford K; COTTER, Vance; MADSEN JR, Charles H. **A behavioral approach to Music Therapy.** *Journal of Music Therapy*5(3).

MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). **Pedagogias em educação musical.** Curitiba: Intersaberes, 2012. (Série Educação Musical).

NACHMANOVICH, Stephen. **Free play. La improvisacion en la vida y en el arte.** Buenos Aires: Paidós, 2012.

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive. **Creative Music Therapy.** New York: John Day, 1977.

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive. **Therapy in music for handicapped children.** London: Victor Gollancz, 1992.

ORSMOND, Gael I; MILLER, LEON K. **Correlates of musical improvisation in children with disabilities.** *Journal of Music Therapy*, 32(3), 1995, 152-166.

PAVLICEVIC, Mercedes. **Improvisation in Music Therapy: Human communication in sound.** *Journal of Music Therapy*, 37(4), 2000, 269-285.

PERRY, Mary M. Rainey. **Relating improvisational Music Therapy with severely and multiply disabled children to communication development.** *Journal of Music Therapy*, 40(3), 2003, 227-246.

PIAZZETTA, Clara Márcia. **Musicalidade Clínica em Musicoterapia: um estudo transdisciplinar sobre a constituição do musicoterapeuta como um ser 'musical-clínico'.** Dissertação (Mestrado) em Música pela EMAC-UFG. Março, 2006.

PRIESTLEY, Mary. **Essays on Analytical Music Therapy.** Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1994.

# MUSICOTERAPIA

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XIX nº 22 ANO 2017

WOITUSKI, M.; BRANDALISE, A.; GATTINO, G.; ARAÚJO, G. A improvisação e o *Journal of Music Therapy*: houve um período de “surdez” da comunidade mundial em relação ao método? (p. 08- 29)

TURRY, Alan. **The connection between words and music and music therapy improvisation: An examination of a therapist's method.** Unpublished doctoral dissertation, New York University, 2006.

WIGRAM, Tony. **Improvisation: Methods and techniques for Music Therapy clinicians, educators and students.** New York: Jessica Kingsley Publishers, 2004.

**Recebido em 05/12/2016**  
**Aprovado em 05/05/2017**



MUSICOTERAPIA

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XIX n° 22 ANO 2017  
WOITUSKI, M.; BRANDALISE, A.; GATTINO, G.; ARAÚJO, G. A improvisação e o *Journal of Music Therapy*: houve um período de “surdez” da comunidade mundial em relação ao método? (p. 08- 29)